



Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Geografia - UFPR

A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM DO MUNICÍPIO DE CARATINGA, MG: UM OLHAR DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

*THE PERCEPTION OF THE LANDSCAPE OF THE CARATINGA MUNICIPAL, MG: A LOOK AT
GRADUATION STUDENTS IN GEOGRAPHY*

(Recebido em 26-10-2017; Aceito em 04-06-2018)

Daniela Martins Cunha

Doutoranda em Geografia pela PUC-Minas
Professora no Instituto Federal de Minas Gerais, campus Governador Valadares
daniela.cunha@ifmg.edu.br

Altino Barbosa Caldeira

Pós-doutor pela Universidade de Bolonha - Itália
Professor Adjunto IV da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
altinocaldeira@gmail.com

Resumo

O artigo realiza um diagnóstico da percepção que os estudantes do curso de graduação em Geografia possuem em relação às paisagens de Caratinga, MG. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: aplicação de questionários aos estudantes com a finalidade de caracterizá-los e constatar o conceito de paisagem que os mesmos possuem; elaboração, pelos estudantes, de mapas mentais da paisagem de Caratinga e, análise e interpretação dos mapas mentais segundo a metodologia de Kozel (LIMA e KOZEL, 2009; KOZEL e GALVÃO, 2008). O principal aspecto considerado nas discussões dos resultados foi a relação do mapa mental realizado pelos estudantes com o conceito que eles possuem sobre paisagem, o que, por conseguinte possibilitou a percepção do conceito de paisagem construído pelo grupo. As análises dos mapas mentais revelam aspectos da paisagem natural e cultural demonstrando a complexidade do conceito. Os mapas mentais evidenciam que a compreensão do conceito de paisagem perpassa pela integração do natural com o antrópico como elementos constituintes de uma paisagem.

Palavras-chave: Geografia Humana e Cultural; Percepção; Mapas Mentais; Paisagem.

Abstract

The article makes a diagnosis of the perception that the students of the degree course in Geography have in relation to the landscapes of Caratinga, MG. The methodological procedures used were: the application of questionnaires to the students in order to characterize them and to verify the concept of the landscape they have; the development of mental maps of the Caratinga landscape and the analysis and interpretation of mental maps according to Kozel's methodology (LIMA and KOZEL, 2009; KOZEL and GALVÃO, 2008). The main aspect considered in the discussions of the results was the relation of the mental map realized by the students with the concept that they have on landscape, which, therefore, made possible the perception of the concept of landscape constructed by the group. Mental map analysis reveals aspects of the natural and cultural landscape demonstrating the complexity of the concept. Mental maps show that the understanding of the concept of landscape permeates the integration of the natural with the anthropic as constituent elements of a landscape.

Keywords: Human and Cultural Geography; Perception; Mental maps; Landscape.

Introdução

A percepção e os mapas mentais possibilitam o estudo de temas como o espaço, a paisagem e o território vivido e percebido conforme o olhar e a cultura de quem o habita e o experimenta diariamente. Permitem a reconstrução do mundo dos indivíduos, ou seja, do processo de observação e apreensão do território de vivência. Assim, uma paisagem, por exemplo, pode ser analisada segundo diferentes representações as quais irão identificar a percepção de indivíduos ou grupos sociais sobre a mesma.

Tais representações, elaboradas por estudantes de graduação em geografia, identificam para além do citado anteriormente, a percepção de futuros profissionais/professores de geografia, os quais contribuirão ou não para o processo de reconstrução do mundo vivido de novos indivíduos, mais especificamente seus alunos. Este fato justifica a realização de um trabalho que analise como os estudantes de geografia estão vivenciando e percebendo em seu dia-a-dia um dos muitos conceitos fundamentais da geografia, a paisagem, o qual por sua vez será transformado em conhecimento a ser transferido ao trabalharem com a disciplina geografia.

Destas considerações, objetiva-se neste trabalho realizar um diagnóstico da percepção que os estudantes do curso de graduação em Geografia, na modalidade licenciatura, de uma instituição de ensino superior de Caratinga possuem em relação às paisagens de Caratinga, MG. E, como objetivos específicos: verificar por meio de mapas mentais, a percepção que os estudantes possuem em relação às paisagens locais e adquiridas ao longo de suas vivências espaciais e, identificar o conhecimento que os estudantes possuem acerca do conceito de paisagem a partir da junção das informações-mapas mentais elaborados e do conceito escrito.

Geografia, percepção e mapas mentais

Até os anos sessenta e início dos setenta, o conhecimento geográfico tinha duas orientações epistemológicas: os neo-positivistas (qualificação, racionalização e sistematização) e os neo-marxistas (materialismo e economismo). Do excesso de teorização e abstração destas correntes e da falta de contato com a realidade concreta e das representações destas pelos homens, ou seja, pela falta de um conhecimento fundamentado nas percepções, representações, atividades e valores do homem em geral, surge um movimento na década de 1970 que inclui os estudos de percepção ambiental e recebe o nome de Geografia Humanística (AMORIM FILHO, 1992).

No início dos anos 1980, as pesquisas sobre a percepção se multiplicam. Muitos geógrafos se dedicam a precisar a maneira como os grupos tradicionais percebiam os meios onde viviam, e analisam as representações que são feitas pelas populações urbanas que os descobrem por ocasião de seus deslocamentos turísticos. Qual é a imagem da montanha daqueles que habitam em permanência e vivem da exploração das pastagens de altitude, das florestas das vertentes, das planícies de ceifa nos contrafortes e dos campos dos vales? Quais as reações dos turistas? As diferenças são consideráveis. Em Grenoble, onde este tema adquire logo uma grande importância, Jean-Pierre Guérin e Hervé Gumuchian trabalham sobre a montanha dos camponeses e dos alpinistas e esquiadores. Em Pau, Chadeaud se dedica à descoberta dos pirenaicos e à construção da imagem que explica o sucesso do turismo termal (CLAVAL, 2003, p. 15).

A geografia possui, dentre outras, uma abordagem pautada na filosofia fenomenológica – existencial proposta por Merleau-Ponty, na qual “a consciência é vista como engajada (ou comprometida) no mundo, o que pode ser comprovado pelo estudo da percepção e do comportamento, além do espaço vivido” (AMORIM FILHO, 1999, p. 75).

Em virtude da consciência se constituir a partir das experiências vividas, a fenomenologia chama atenção para o fato de que é pelo vivido que o indivíduo se põe em contato com o mundo dos objetos exteriores. Por isso, com a compreensão racional do vivido, com sua dimensão subjetiva, distante do mundo objetivo e abstrato da ciência, é que se alcança a essência dos objetos tal como eles se apresentam na consciência. Portanto, é através do percebido, e não do concebido; ou seja, não por ideias prévias, por ideias pré-concebidas ou por conceitos que o homem se põe em contato com os objetos exteriores (LENCIONI, 1999, p. 150).

As imagens que um indivíduo possui do mundo vivido resultarão das experiências vividas cotidianamente. A representação simbólica deste mundo expressará, por sua vez, os valores e comportamentos que este indivíduo assume no espaço vivido, experienciado. Assim,

O objetivo da abordagem cultural é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, compreender a significação que estes impõem ao meio ambiente e o sentido dado às suas vidas. A abordagem cultural integra as representações mentais e as reações subjetivas no campo da pesquisa geográfica (CLAVAL, 2002, p. 20).

Observa-se nos conceitos de percepção a presença de determinadas palavras-chave como vivido, experiência, estímulos e consciência que enfatizam e reafirmam a relação e a forma como o homem percebe o seu espaço, território, paisagem, lugar ou região. Amorim Filho (1992) apresenta os dez conceitos e temas que aparecem com mais frequência e regularidade nos trabalhos de percepção

ambiental. Os conceitos são: atitude, cognição, imagem, paisagem, percepção, representação, valor, topocídio, topofilia e topofobia. E os temas: qualidade ambiental; paisagem valorizada; riscos ambientais; representações do mundo; imagens de lugares distantes; história das paisagens; relações entre as artes, as paisagens e os lugares; espaços pessoais; construção de mapas mentais e, percepção ambiental e planejamento.

O mundo é visto e experienciado não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações onde estão imbricados valores, sentimentos, atitudes, vivências entre outros. As imagens espaciais provenientes dessas subjetividades foram denominadas mapas cognitivos, mapas conceituais e posteriormente mapas mentais (KOZEL, 2006 *apud* PEREIRA e KOZEL, 2006, p. 06).

Muitas técnicas de pesquisa estão relacionadas aos trabalhos de percepção realizados na geografia, dentre elas, os mapas mentais, os quais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação (ARCHELA *et al.*, 2004, p. 127).

A elaboração de mapas mentais leva em consideração a proposta de confecção de um desenho que se oriente a partir da leitura da vivência diária com as mais diversas paisagens. As revelações expressas por eles ao se conciliar desenho e mundo vivido permitem, posteriormente, sua interpretação e o entendimento da concepção que o indivíduo possui sobre a paisagem de seu entorno.

A paisagem natural e a paisagem cultural: uma breve revisão conceitual

As primeiras representações espontâneas da paisagem seriam as pinturas rupestres (FERREIRA, 2010). A palavra paisagem, em tempos modernos, surgiu no Renascimento e foi utilizada pela primeira vez pelo poeta Jean Molinet em 1493, relaciona-se à palavra italiana *paesaggio*, a qual representava pinturas elaboradas a partir da natureza, indicando uma nova relação entre humanos e natureza (BOBEK e SCHMITHÜSEN, 1998; CHRISTOFOLETTI, 1999; FERREIRA, 2010 e VITTE, 2007).

O termo também está relacionado ao vocábulo germânico *Landschaft*, o qual significa tanto paisagem como região, uma unidade de ocupação humana (CHRISTOFOLETTI, 1999; MELO, 2005 e VITTE, 2007). Ela foi introduzida no meio geográfico científico no início do séc. XIX, quando passou a ser considerada objeto de estudo, devendo o pioneirismo a Alexander von Humboldt (CHRISTOFOLETTI, 1999; FERREIRA, 2010 e SCHAEFER *et al.*, 2000). Tal origem naturalista evidencia a maior valorização dos estudos das paisagens morfológicas e da cobertura vegetal, tendo

contribuído também para distinguir as paisagens naturais das paisagens culturais (CHRISTOFOLETTI, 1999).

As abordagens do termo na Geografia são reflexos das correntes filosóficas que a influenciaram em determinados momentos da história. No Positivismo era analisada como elemento estatístico, no Marxismo como um elemento da ação entre o capital e o trabalho e, atualmente, na visão culturalista possui uma abordagem holística (ROCHA, 2008).

De acordo com Claval (2003) no início dos anos 1970 há uma apreensão ecológica da paisagem por parte dos geógrafos físicos. Já no final dos anos 1970 passa-se a considerar a dimensão cultural da paisagem e as publicações sobre este tema se multiplicam. Ainda para o autor uma paisagem suscita reações nas pessoas que a vivem cotidianamente. Os homens impõem à paisagem a marca de sua cultura e a paisagem se constitui num dos contextos através dos quais a cultura se transmite de um indivíduo a outro.

A abordagem ecológica utilizada na paisagem pelos geógrafos físicos se fundamenta no conceito de Ecologia da Paisagem, introduzida pelo geógrafo alemão Carl Troll em 1938, a qual objetiva o estudo da paisagem natural (os fenômenos da geoesfera e da biosfera) integrados a ação antrópica, ou seja, às interferências causadas pelo homem. Propõe-se uma visão integradora, no qual os fatores ecológicos, culturais e socioeconômicos devem ser considerados na análise da paisagem (CHRISTOFOLETTI, 1999 e SCHAEFER *et al.*, 2000).

Segundo Vitte,

No Brasil, a maior contribuição aos estudos sobre as paisagens naturais foi de Ab'Saber, (AB'SABER, 1969) que promoveu uma renovação metodológica e instrumental nas pesquisas geomorfológicas desenvolvidas no território nacional. Recuperando o conceito de fisiologia da paisagem, Ab'Saber compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Assim, os processos passados foram os responsáveis pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens (VITTE, 2007, p. 75).

Ainda relacionado à paisagem natural, a partir da década de 1960 o estudo das paisagens começa a ser influenciado pelo desenvolvimento da Teoria dos Sistemas (VITTE, 2007). Os ex-soviéticos deram o nome de geossistema às unidades de paisagem delimitadas segundo a funcionalidade sistêmica de seus atributos (FERREIRA, 2010). “O geossistema resultaria da combinação de um potencial ecológico (geomorfologia, clima, hidrologia), uma exploração biológica (vegetação, solo e fauna) e uma ação antrópica, não apresentando necessariamente homogeneidade fisionômica, e sim um complexo essencialmente dinâmico” (CHRISTOFOLETTI, 1999, p. 42). Segundo Christofolletti (1999) tanto Sotchava como Bertrand estabelecem uma escala de grandeza específica para os geossistemas e propõe subdivisões baseadas nos aspectos biogeográficos das paisagens. Para Sotchava *apud* Ferreira (2010, p. 193-194), é preciso estudar [...] “não os componentes da

natureza, mas as conexões entre eles; não se deve restringir à morfologia da paisagem e suas subdivisões, mas, de preferência, projetar-se para o estudo de sua dinâmica, estrutura funcional, conexões, etc.”.

No Brasil, o professor Monteiro expressou interesse pela abordagem geossistêmica e propôs a modelização da paisagem segundo “modelos múltiplos devido à existência de peculiaridades geográficas de tamanho, grau de desenvolvimento econômico e capacidade científica e tecnológica das regiões” (MONTEIRO *apud* FERREIRA, 2010, p. 199). “Na perspectiva de Monteiro, é imprescindível o tratamento conjunto da estrutura e dos processos. A estrutura expressa morfologicamente o estado das partes enquanto o processo revela a dinâmica da organização funcional geossistêmica” (FERREIRA, *Ibid*).

Segundo Bertrand (2004) o termo paisagem é normalmente utilizado de forma imprecisa, vindo sempre acompanhado de um qualificativo de precisão (exemplo: paisagem vegetal). Ainda para o autor, a imprecisão conceitual é um problema de ordem epistemológica e o estudo da paisagem implica na apresentação de um problema de método. Para ele, a paisagem total, a qual integra a paisagem “natural” com a ação antrópica pode ser definida como: “(...) o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpetua evolução” (BERTRAND, 2004, p. 141).

De acordo com Sauer (1998) a paisagem é a base física e as formas de seu uso pelo homem, ou seja, a cultura humana. Desta forma, há a paisagem natural, constituída de um somatório de recursos naturais e a paisagem cultural, entendida como a marca da ação do homem na área. Considera que as paisagens naturais estão constantemente sendo submetidas a transformações ocasionadas pelas mãos dos homens, o qual por meio de suas culturas faz uso das formas naturais, as alterando ou destruindo. “A paisagem cultural é modelada a partir de uma paisagem natural por um grupo cultural. A cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural o resultado” (SAUER, 1998, p. 59).

A paisagem é o fruto das transformações irregulares que o homem produziu ao longo do tempo. (...) A paisagem é o produto das transformações irregulares que o homem produziu ao longo do tempo. (...) A paisagem é cultura, é o universo das condições políticas e econômicas, resultado da implantação espacial das técnicas. (...) A paisagem interioriza uma infinita categoria de relações humanas, dispostas em tempos diferentes (...) (ROCHA, 2008, p. 141).

Conforme Cosgrove (1998, p. 105-106) “para compreender as expressões impressas por uma cultura em sua paisagem, necessitamos de um conhecimento da ‘linguagem’ empregada: os símbolos

e o seu significado nessa cultura”. Ou seja, ensina que para compreender uma paisagem é necessário compreender sua relação com a cultura, seu processo de constituição social e histórica.

Para RIBEIRO (2007), a paisagem cultural é fruto do agenciamento do homem sobre seu espaço, e pode ser lida como um documento que expressa as relações do ser humano com seu meio natural, mostrando as transformações que ocorrem ao longo do tempo. Essas transformações, visíveis na paisagem natural, revelam-se como um testemunho da história dos grupos humanos que ocuparam determinado espaço e como um produto da sociedade que a produziu. Dessa afirmação se depreende que as culturas materiais produzidas em ambientes diversos apresentam-se como marcas e símbolos dessas transformações (CALDEIRA, 2014, p. 5).

É notável pelos conceitos apresentados que o uso do termo paisagem pela Geografia ao longo dos anos tem passado por diversas transformações. E, neste trabalho, ela será pensada e tratada como a relação existente entre determinado grupo social, aqui os estudantes do curso de Geografia de uma instituição de ensino superior de Caratinga, e o espaço que os cerca, constituído pelo município de Caratinga, MG. Podendo, dessa forma, ser também entendida e representada por esses estudantes em suas mais diversas formas como paisagem natural e/ou paisagem cultural.

Procedimentos metodológicos

O trabalho divide-se em três etapas: aplicação de questionário, elaboração de mapas mentais e, por fim, a análise e interpretação dos mapas mentais. A primeira etapa fundamenta-se na coleta de dados primários, obtidos por intermédio da aplicação de um questionário com questões abertas e fechadas, sucinto e prático, uma vez que o objetivo maior da pesquisa é a elaboração dos mapas mentais. As questões fechadas contribuirão para a caracterização dos entrevistados. Essa parte é constituída de questões relacionadas aos dados pessoais como em qual período do curso o estudante está? Qual seu gênero? Qual sua idade? Reside em Caratinga? Em qual bairro ou distrito? Se não mora em Caratinga, em qual município reside? Já a questão aberta tratou do conceito e informações sobre a paisagem, nesta foi perguntando: o que é a paisagem para você?

A população envolvida refere-se aos vinte e sete estudantes do curso de graduação em Geografia de uma instituição de ensino superior de Caratinga, MG. A escolha desses estudantes vincula-se ao fato de possuir elementos relacionados ao problema, como a área de formação e o consequente trabalho com o conceito e tema da pesquisa. Os estudantes foram orientados a elaborar mapas mentais da paisagem do município de Caratinga. Mapas que apresentem a percepção deles em relação a estas paisagens e suas características. Foi solicitado que desenhassem em uma folha de papel A4 o que é/ o que constitui a paisagem de Caratinga para eles.

Para a análise e interpretação dos mapas mentais foi considerada a afirmação de Tuan (1980) de que é possível encontrar exemplos de julgamentos perceptivos diferenciados entre os povos da

cidade e do campo no processo de análise interpretativa dos mapas mentais. Uma vez que se observou que alguns estudantes residiam em municípios menores vizinhos a Caratinga, tal como distritos deste, ou seja, regiões em que o rural predomina em relação ao urbano. Segundo o autor, existe uma classificação dos habitats no qual é possível dividi-los entre o mundo “carpintejado” e “não carpintejado”, sendo que, o espaço da cidade é “carpintejado”, repleto de formas retangulares. O habitante de uma cidade em maior contato com um ambiente carpitenjado irá desenvolver a habilidade de interpretar as formas, o comprimento das linhas e os ângulos diferentemente do habitante do campo, pois,

Um habitante de uma cidade depara diariamente com objetos retangulares. Na sua retina esses objetos aparecem como imagens não retangulares. Para viver nesse tipo de mundo a pessoa precisa aprender a interpretar os ângulos agudos e obtusos das imagens retinianas como derivando-se de superfícies ortogonais; a interpretação é automática e constantemente reforçada (TUAN, 1980, p. 87).

Também foi levada em consideração, no processo de análise e interpretação destes mapas, uma proposta metodológica que se oriente a partir da leitura dos desenhos elaborados pelos estudantes, as revelações expressas por eles ao se conciliar desenho e perguntas realizadas sobre os mesmos e, posteriormente a interpretação de ambos.

O conteúdo dos mapas mentais foi analisado de acordo com os seguintes quesitos:

- 1- Interpretação quanto à forma de representação dos elementos da paisagem;
- 2- Interpretação quanto à distribuição dos elementos na paisagem;
- 3- Interpretação quanto à especificidade dos ícones:
 - Representação dos elementos da paisagem natural
 - Representação dos elementos da paisagem construída
 - Representação dos elementos móveis
 - Representação dos elementos humanos;
- 4- Apresentação de outros aspectos ou particularidades (KOZEL *apud* FILHO e OLIVEIRA, 2013, p. 39; LIMA e KOZEL, 2009, p. 212; KOZEL e GALVÃO, 2008, p. 40).

Para complementar as análises observam-se ainda os seguintes aspectos: a) os elementos representados aparecem nas imagens em forma de ícones, letras, mapa, linhas, figuras geométricas; b) a distribuição dos elementos ocorre horizontalmente, isolados, de forma dispersa, em perspectiva, circular (LIMA e KOZEL, 2009; KOZEL e GALVÃO, 2008).

Quanto a especificação dos ícones utilizou-se como referência o agrupamento encontrado em Kashiwagi e Kozel (2005) e Pereira e Kozel (2006). Dessa forma, dividiu-se a especificidade dos itens em elementos da paisagem natural como montanhas, árvores, nuvens; em elementos da paisagem construída constituída por elementos que se relacionam ao construído pelo homem como prédios,

prédios comerciais e rodovias; em elementos humanos como a representação de pessoas e elementos móveis como automóveis e ônibus.

Já em relação a apresentação de outros aspectos ou particularidades entendeu-se está como sendo as ideias diferenciadas que aparecem nos mapas mentais exprimindo opinião e/ou mensagens (KOZEL, 2001 *apud* PEREIRA e KOZEL, 2006, p. 10-11).

Assim, por meio dos mapas mentais elaborados pelos estudantes, realizou-se uma interpretação “embasada em uma linguagem dialógica em que a reflexão dos signos revele uma construção social e cultural” (KOZEL *apud* FILHO e OLIVEIRA, 2013, p. 39), com a finalidade de melhor inferir sobre o conhecimento que os graduandos possuem acerca da paisagem que os cercam.

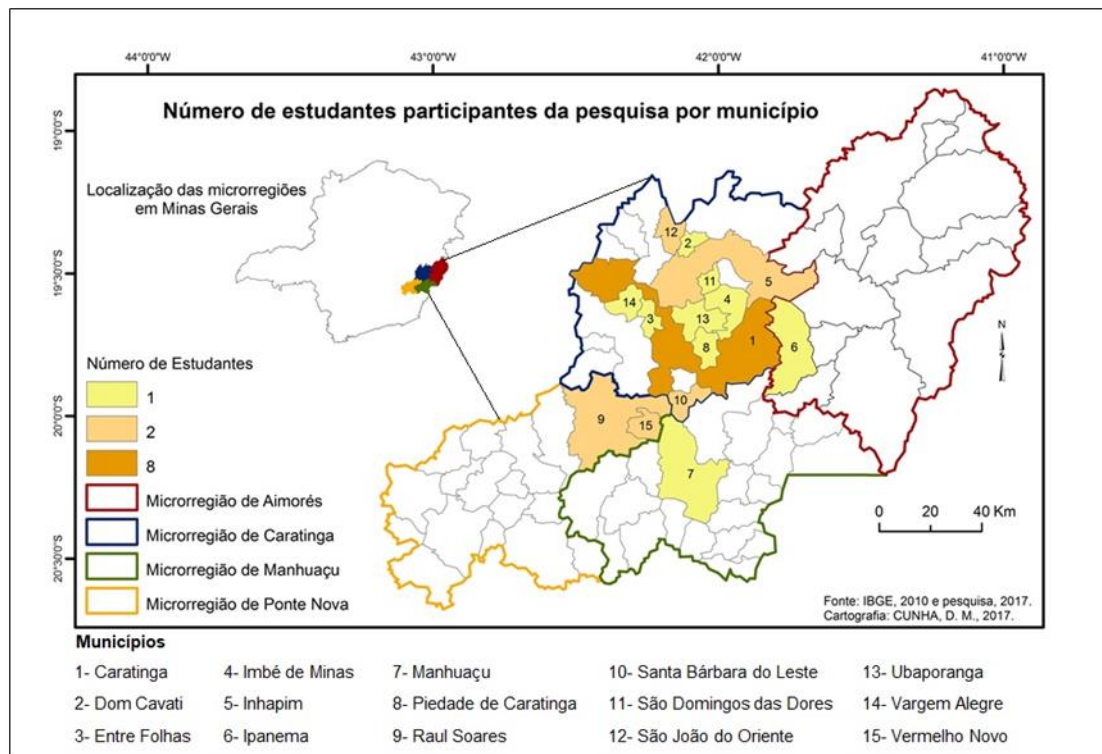
Características do grupo pesquisado

O questionário foi aplicado a todos os estudantes matriculados e frequentes no curso de graduação em Geografia de uma instituição de ensino superior de Caratinga, MG, no mês de março de 2017 em um total de vinte e sete, sendo um do 1º período, dezessete do 3º período e nove do 5º período.

Dos vinte e sete estudantes, treze são do sexo masculino e quatorze do sexo feminino. Vinte possuem até 24 anos de idade, cinco possuem de 25 a 30 anos, um é maior de 41 anos e 1 não respondeu. Oito residem no município de Caratinga, sendo que, destes, sete em bairros da cidade e um em Distrito. Os demais, em maior número, dezenove estudantes, se encontram espacialmente distribuídos, residentes, em municípios próximos, os quais distam em média de 10 a 78 km da área urbana de Caratinga e são, em sua maioria, municípios pequenos com população de até 8 mil habitantes, excetuando Manhuaçu, o qual possui cerca de 80 mil habitantes, Raul Soares e Inhapim com cerca de 24 mil habitantes e Ipanema com cerca de 18 mil habitantes (IBGE, 2010).

Na figura 01 é possível observar a distribuição e o número de estudantes por município que participaram da pesquisa.

Figura 01: Mapa com a distribuição por município dos estudantes participantes da pesquisa



Fonte: Os autores, 2017.

Nota-se que, atualmente, o curso abrange municípios de quatro Microrregiões de Minas Gerais, a de Caratinga e de Aimorés, as quais fazem parte da Mesorregião do Vale do Rio Doce, sendo que, é a primeira que compreende o maior número de municípios nos quais residem os atuais estudantes. A Microrregião de Aimorés junto à de Manhuaçu possuem apenas um estudante/município participante da pesquisa. Na Microrregião de Ponte Nova têm-se dois municípios de origem dos estudantes com dois estudantes cada. Esta Microrregião junto à de Manhuaçu fazem parte da Mesorregião da Zona da Mata.

Análise dos mapas mentais e o conceito de paisagem dos estudantes

Dos vinte e sete estudantes participantes da pesquisa, quatro não representaram por meio do mapa mental o que é a paisagem de Caratinga para eles alegando, principalmente não saber desenhar, sendo que, destes, três não residem no município, mas em cidades vizinhas.

Das vinte e quatro representações, duas expressam o que Tuan (1980) denomina de espaço “carpintejado” e “não carpintejado”, ou seja, dois estudantes percebem a paisagem do município

constituída, um, pelo urbano e pelo rural e outro, pelo urbano e a natureza enquanto paisagens não integradas, mas inseridas em contextos separados. É importante observar que um dos estudantes é residente de comunidade rural do município de Inhapim e o outro de um distrito de Caratinga, ambos em territórios em que o rural e os elementos da natureza são realmente mais presentes e vivenciados diariamente que o urbano.

Em relação à especificidade dos ícones representados nos mapas mentais, os elementos encontrados foram divididos conforme procedimento metodológico citado anteriormente e agrupados em uma tabela para melhor visualização (Tabela 01).

Conforme a tabela 01, dos elementos naturais, os mais citados foram montanhas, sol e árvores. As montanhas e as árvores são realmente aspectos naturais muito marcantes e visíveis no município, uma vez que se localiza em uma região montanhosa e, de vários bairros, especialmente do centro urbano municipal, vê-se seu principal afloramento, a Pedra da Itaúna. As árvores, por sua vez, remetem as palmeiras imperiais centenárias localizadas em sua praça central e símbolo do município.

Quanto aos elementos da paisagem construída também foram citados em maior número os que estão diretamente relacionados ao centro urbano como edificações, casas, edificações comerciais, igreja e praça. Ambos os elementos, paisagem natural e construída, demonstram o quanto se percebe a paisagem do município por sua área central, a qual é comum tanto aos moradores de Caratinga, mas principalmente aos estudantes que vem de fora, de outros municípios e acabam se relacionando mais com essa paisagem (Tabela 01).

Tabela 01: Especificidade dos ícones representados nos mapas mentais

CATEGORIAS	TOTAL
Elementos da paisagem natural	
Montanhas	16
Sol	15
Árvores	8
Nuvem	6
Cachoeira	6
Animais	3
Flores	1
Rio	1
Elementos da paisagem construída	
Edificação predial	16
Casas	13
Edificações comerciais/serviços	10
Igreja	9
Praça	9
Ruas/rodovia	6
Monumento (Menino Maluquinho)	4
Antenas	5
Torre de transmissão	3
Rede de energia/postes	2
Plantação	1
Ponte	1
Elementos humanos	
Homens/mulheres/crianças	7
Elementos Móveis	
Carros/ônibus/caminhões	6
Paraglider	3
TOTAL GERAL	151

Fonte: Os autores, 2017.

Já na tabela 02, na qual se apresenta o total de representações por elemento, se observa que os elementos da paisagem construída foram mais representados nos mapas mentais que os elementos da paisagem natural, tendo ocorrido setenta e nove representações de ícones da paisagem construída e cinquenta e seis da paisagem natural. Os elementos humanos e os elementos móveis foram menos representados. Constata-se ainda que na paisagem construída houve um número maior de

representações dos estudantes do sexo feminino, ocorrendo o contrário na representação das paisagens naturais, as quais foram mais representadas por estudantes do sexo masculino.

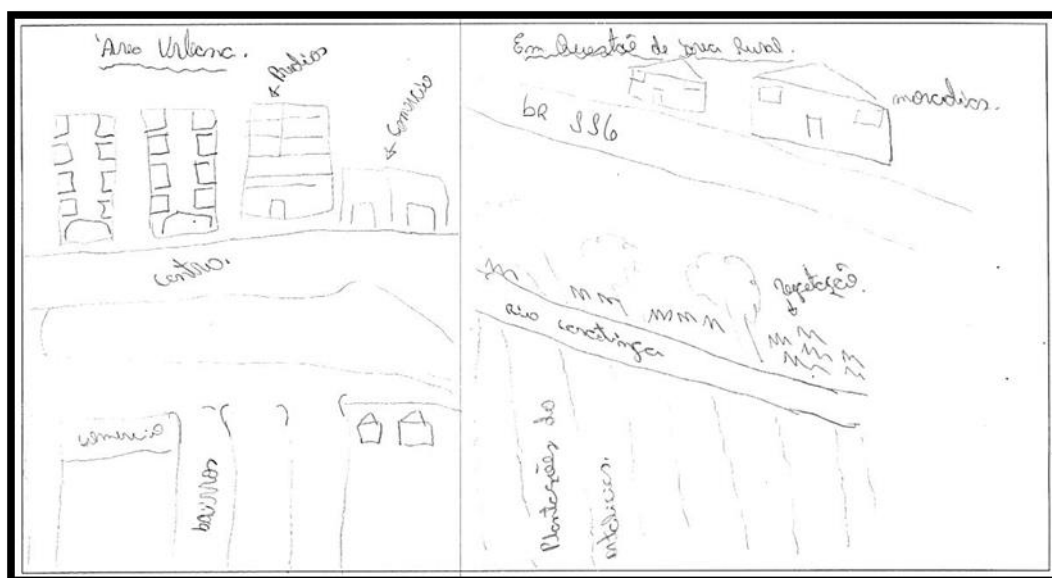
Tabela 02: Total de representação por categoria de elementos

Elementos	Quantidade		Total
	Masculino	Feminino	
Naturais	34	22	56
Construídos	36	43	79
Humanos	5	2	7
Móveis	4	5	9

Fonte: Os autores, 2017.

Na figura 02 a estudante que reside em uma comunidade rural divide sua representação em dois momentos, a área urbana na qual dá maior ênfase para a área central constituída de prédios e comércio e aos bairros com residências menores e também comércio, ambos com arruamentos. E a área rural, onde detalha mais sua representação com moradias de pequeno porte, a presença da BR-116, do Rio Caratinga, da vegetação e de plantação de hortaliças. Tal representação sintetiza e vai ao encontro ao conceito de paisagem apresentado pela estudante: “Tudo que posso ver, tocar, sentir, se entende melhor quando vê”. Ela vê, toca e sente o urbano e o rural, especialmente o último, por isso os dois espaços, vividos, traduzem para ela o que é a paisagem de Caratinga.

Figura 02: O urbano e o rural na paisagem de Caratinga

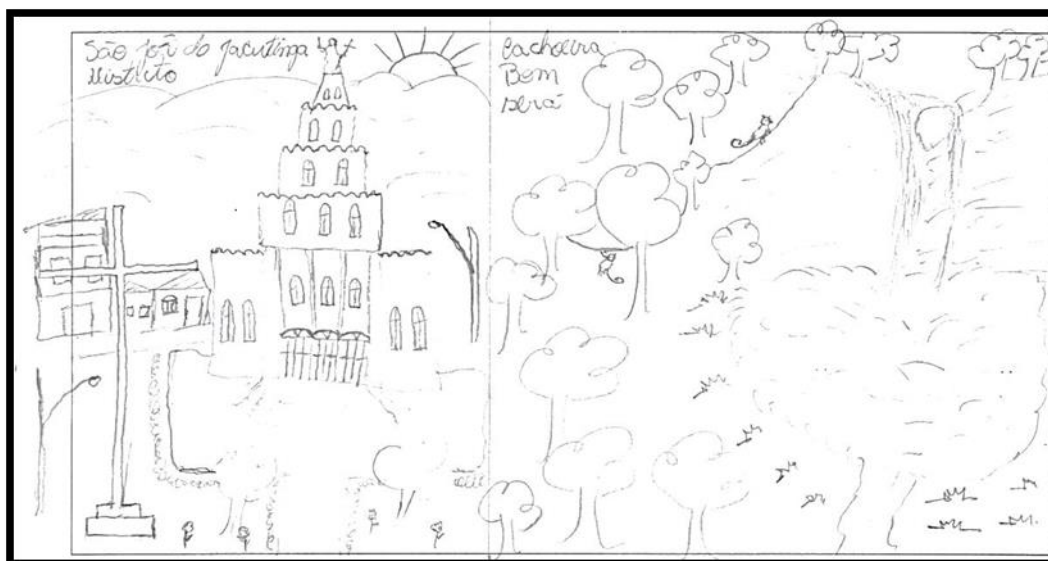


Fonte: Estudante da comunidade rural de São Sebastião de Inhapim, Inhapim, 2017.

O estudante de um distrito de Caratinga também representou a paisagem do município em duas paisagens não integradas, uma por meio das construções do urbano e outra do espaço natural. Há, contudo, em seu mapa mental duas peculiaridades. A primeira é que na representação do urbano, ele desenhou o Distrito de São João do Jacutinga, sua praça com a Igreja e residências de pequeno porte, expressando também aspectos da paisagem natural como árvores, montanhas e o sol, enfim, demonstrando a organização da área central de um distrito, onde o povoamento se adensa pouco e o humano e o natural se misturam. E, em relação à paisagem natural, representou a Cachoeira Bom Será, a qual é tombada como patrimônio cultural de Caratinga e também se localiza no Distrito de São João do Jacutinga. No mapa mental da cachoeira destaca-se ainda a formação vegetal no seu entorno com o desenho de macacos, uma vez que na região encontra-se uma importante Reserva do Patrimônio Natural responsável pela preservação dos macacos muriquis (Figura 03).

Em seu mapa mental ele representa a paisagem de Caratinga através de seu espaço vivido cotidianamente, no distrito, o que também vai ao encontro ao seu conceito de paisagem: “Paisagem é o local onde a vista de cada pessoa alcança, temos vários tipos de paisagens. Como a paisagem de uma cidade, jardim, montanhas ou picos, construção. Temos as paisagens naturais e paisagens feitas ou transformadas pelo homem”.

Figura 03: O Distrito de São João do Jacutinga enquanto representação da paisagem de Caratinga



Fonte: Estudante do Distrito de São João do Jacutinga, Caratinga, 2017.

Ainda utilizando como referência as figuras 02 e 03, observa-se que em ambas a representação dos elementos da paisagem ocorre por intermédio de ícones ou formas de representação gráfica como desenhos e letras, sendo as últimas expressas por meio de palavras que tem por finalidade completar/reforçar a informação gerada pelo desenho. O uso das palavras acompanhando desenhos foi encontrado em onze mapas mentais, os demais, treze, utilizaram somente desenhos conforme se observa na figura 04.

Na figura 04 tem-se um mapa mental que representa a paisagem de Caratinga por meio de ícones/desenhos que expressam: a catedral em meio às palmeiras imperiais localizadas na praça central onde em seus bancos é possível encontrar pessoas deitadas; edificações e residências baixas, o Menino Maluquinho como um símbolo da paisagem local bem como elementos naturais como a Pedra da Itaúna, ponto culminante e patrimônio cultural do município, onde estão localizadas as torres de transmissão e local utilizado para voos de *paraglider*. Mostra uma paisagem em que se misturam os elementos construídos, humanos e naturais expressos por desenhos que marcam como nos demais mapas mentais, os valores dos estudantes pesquisados em relação à paisagem que os cercam.

Figura 04: Exemplo de representação dos elementos na imagem com o uso de ícones



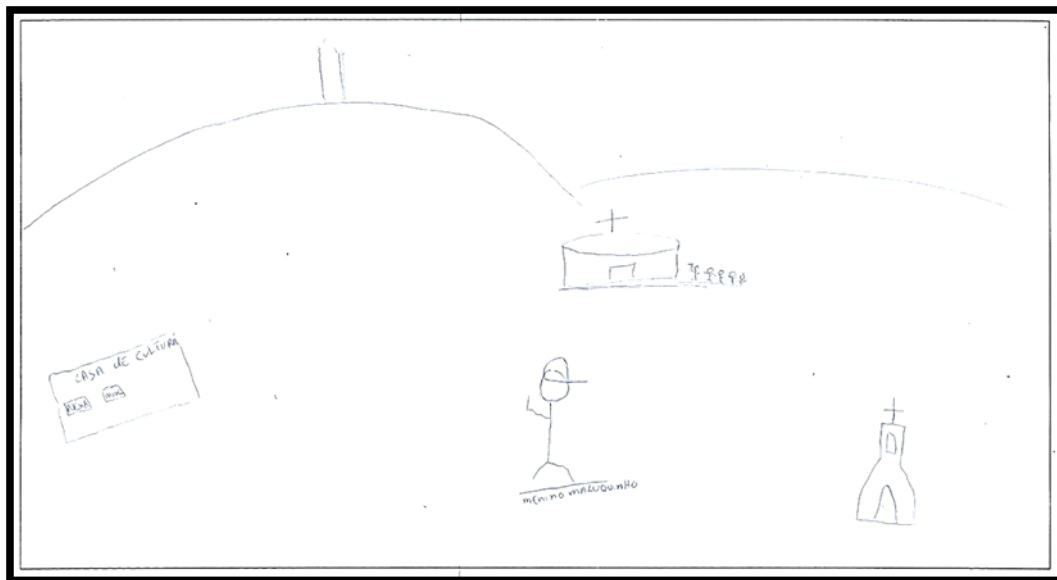
Fonte: Estudante do Bairro Limoeiro, Caratinga, 2017.

Para a estudante que elaborou o mapa mental da figura 04, onde elementos da natureza e antrópicos estão presentes, a paisagem é “qualquer lugar composto por elementos do passado e do presente, podendo ser dividida em 2 tipos: Natural: formada apenas por elementos da natureza. Cultural: formada com a apresentação de alguma intervenção da humanidade”.

Quanto à distribuição dos elementos da paisagem, não foram elaborados mapas mentais com representação da imagem em perspectiva e em forma circular. Dois mapas mentais apresentam uma representação da imagem que lembram a forma de quadras e quadros, um representa as imagens de maneira dispersa e os demais de forma horizontal.

Na figura 05 observa-se um exemplo de distribuição dos elementos da paisagem de forma dispersa. O autor deste mapa mental reside no bairro Santa Zita, o que explica a representação em seu mapa do Santuário de Adoração Perpétua, o qual está localizado neste bairro e não foi representado nos demais mapas. Além disso, faz referência a outros elementos culturais da paisagem local como a representação de outra igreja e da Casa de Cultura, localizados no centro da cidade, do Menino Maluquinho, escultura localizada às margens da rodovia BR-116 e de um elemento natural, a Pedra da Itaúna, a qual também se localiza no bairro Santa Zita, distribuídos de forma dispersa em seu mapa mental e também localizados espacialmente dispersos na área urbana. Para este estudante, paisagem é “tudo aquilo que posso captar ou “sentir” com meus sentidos, sejam eles visão, olfato, tato”.

Figura 05: Exemplo de distribuição dos elementos da paisagem de forma dispersa

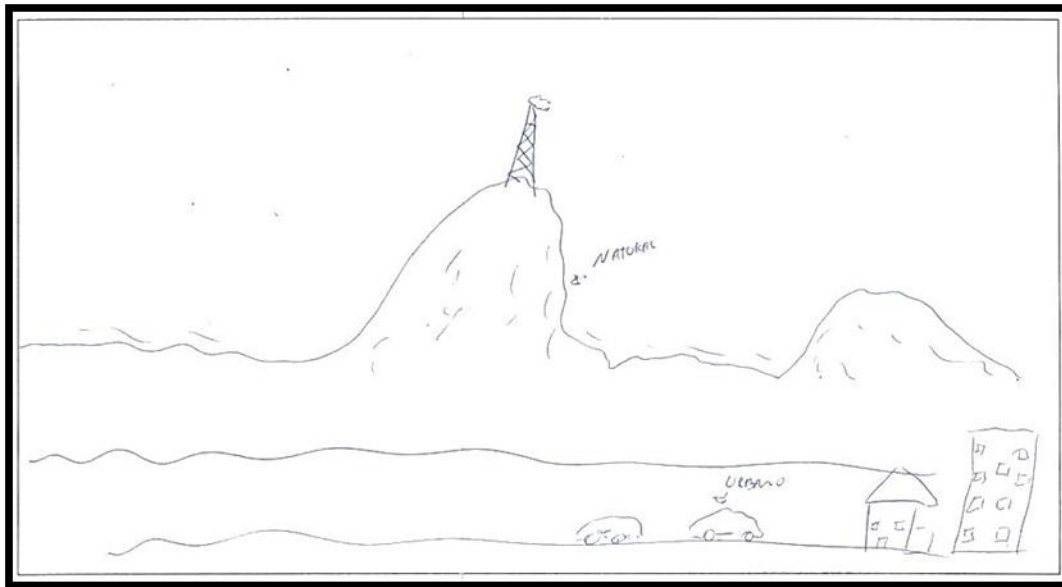


Fonte: Estudante do Bairro Santa Zita, Caratinga, 2017.

Na figura 06 é possível identificar um mapa mental no qual o estudante representa elementos da paisagem construída como o edifício, a casa, o arruamento e a antena de transmissão, elementos da paisagem natural como as montanhas locais e elementos móveis como carros. Seu mapa mental reflete o conceito de paisagem do estudante: “Entendo por paisagem, tudo aquilo que está a nossa

volta, seja natural ou urbana, contendo florestas como um todo, casas e prédios entre vários outros elementos”.

Figura 06: Exemplo de especificidade dos ícones

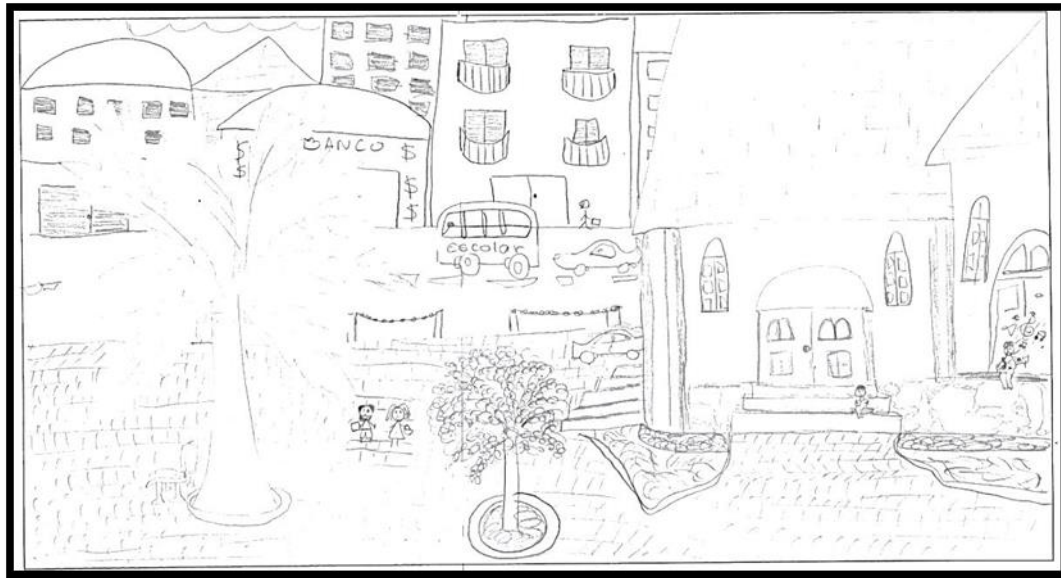


Fonte: Estudante do município de Santa Barbara do Leste, 2017.

Ainda como exemplos de especificidade dos ícones representados têm-se as figuras 07 e 08 as quais demonstram uma riqueza de detalhes na representação de todas as categorias dos elementos. A figura 07 representa em primeiro plano a praça central da área urbana com suas árvores como elemento natural. Como elementos construídos tem-se a igreja, as edificações residenciais e comerciais. O elemento humano é representado por homens/mulheres/crianças e os carros e ônibus representam os elementos móveis. Há também nesse mapa mental a expressão de uma opinião e/ou mensagem, pois na porta da igreja a estudante desenhou um homem com violão e, o tocando, pois há letras de música na representação. É a ideia da praça e da igreja enquanto espaços de expressão da cultura por meio da música. O aspecto cultural e do uso dos sentidos atribuído à percepção da paisagem expressos no mapa mental foram também identificados no conceito que a estudante apresentou para paisagem:

É tudo o que os olhos alcançam, e não somente, paisagem é também o que sentimos e tocamos, exemplo: uma flor, podemos tocá-la, sentir seu cheiro, sua espessura, cor e tamanho; uma paisagem de um clima mais frio, como o polo norte, podemos ver que é uma paisagem mais branca, sentir o clima mais frio, podemos tocar o gelo e sentir a neve caindo em nossa pele (Estudante do município de Entre Folhas, 2017).

Figura 07: Exemplo de especificidade dos ícones e de particularidade

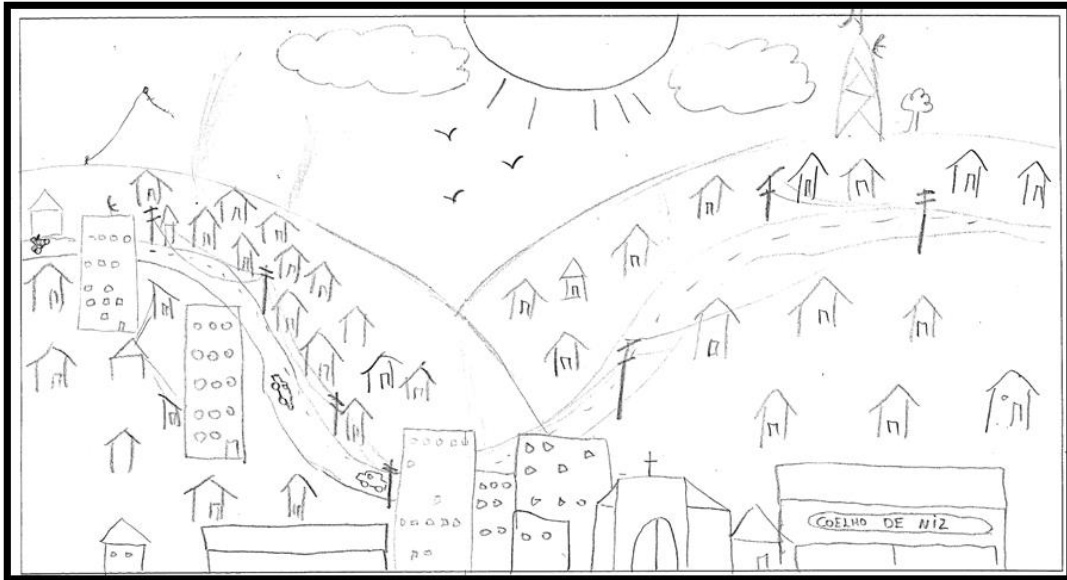


Fonte: Estudante do município de Entre Folhas, 2017.

Na figura 08, o estudante também expressou com riqueza de detalhes a paisagem de Caratinga. Em seu mapa mental identificou elementos da paisagem natural como as montanhas, os pássaros, as nuvens, árvore e o sol. Representou elementos da paisagem construída, fazendo uma distinção desses elementos pelas formas mais típicas da área central como as edificações, a igreja matriz e o comércio, dispostos na área plana do município, para as formas encontradas nos bairros do entorno, as quais se distribuem pelos morros e, por isso possuem poucas edificações, predominando a construção de casas. Representou ainda, neste grupo de elementos, arruamentos, antena de transmissão, rede elétrica e antena residencial.

Também representou os elementos móveis como os carros e o elemento humano, um menino no alto da montanha soltando pipa. O elemento humano representado pelo estudante representa também uma particularidade, a ideia de liberdade que as crianças do interior ainda possuem de brincar livremente, principalmente, aquelas residentes nos bairros mais periféricos, onde ainda há muitos terrenos vazios. A representação do mapa mental e o conceito de paisagem do estudante podem ser justapostos, pois para ele “paisagem é uma área e todos os elementos que fazem parte dela, como florestas, cidades, ou seja, coisas que podemos ver”.

Figura 08: Representação de especificidade dos ícones e de particularidade



Fonte: Estudante do município de São Domingos das Dores, 2017.

A imprecisão conceitual do termo paisagem citada por Bertrand (2004) pôde ser identificada na diversidade dos conceitos de paisagem apresentados pelos estudantes tal como pela interpretação de seus mapas mentais. A abordagem cultural do termo se sobrepôs a abordagem ecológica, tanto na análise dos conceitos como dos mapas mentais. E, por mais que alguns mapas mentais integrassem as abordagens cultural e ecológica gerando uma interpretação da paisagem enquanto um sistema integrado, não fora encontrado em nenhum conceito o uso do termo sistema ou geossistema para caracterizar e/ou conceituar uma paisagem.

Considerações Finais

O olhar sobre a paisagem cultural diz muito sobre a forma como a mesma será entendida e interpretada. Trata-se de uma abordagem mais subjetiva da paisagem, pois se apoia no olhar e teorias de quem a estará observando e analisando, diferentemente do que normalmente ocorre com as paisagens naturais, as quais apresentarão evidências mais objetivas e factuais.

Neste trabalho procurou-se entender o que constitui a paisagem de Caratinga a partir do olhar/percepção dos estudantes do curso de graduação em Geografia. Trabalhar com a metodologia dos mapas mentais privilegiou a apresentação por parte destes estudantes da paisagem vivida, sentida e percebida, recriada por eles em seus desenhos, os quais, por sua vez estavam fundamentados nos conceitos que estes possuem do que é paisagem. Observou-se, em geral, a relação do mapa mental elaborado com o conceito apresentado.

As experiências e vivências do grupo pesquisado com o município em estudo demonstram a percepção de uma paisagem composta por elementos constituintes, principalmente da área central da sede municipal, sendo sempre dada ênfase as edificações prediais comuns a este espaço e a Pedra da Itaúna muito visualizada a partir deste espaço. Por outro lado, ficou evidente a influência que edificações comerciais localizadas também na área central exercem na experiência cotidiana destes estudantes, em especial para os que vêm de cidades menores localizadas no entorno do município, no qual tais edificações não são encontradas.

As perspectivas de paisagem apresentadas nos mapas mentais e transcritas em forma de conceitos pelos estudantes compreendem de forma conjunta uma paisagem constituída sempre de elementos do espaço natural e do espaço cultural, onde o ver e o sentir são aspectos considerados por estes como pressuposto para se entender o que é uma paisagem. Por estas características, vê-se que os estudantes entendem um dos conceitos chave da Geografia a partir da integração dos elementos naturais e humanos que os compõe.

Por outro lado, no entanto, os mapas mentais fazem um diagnóstico da ausência da vivência com o espaço do município no seu todo, uma vez que, em geral, não foram representadas suas paisagens urbanas mais periféricas. É às margens da área central do município, onde o sol brilha entre nuvens, onde a Pedra da Itaúna se destaca diante de majestosos prédios, onde há uma bela praça e matriz, que se encontram os barracos em encostas de áreas de risco, ruas sem infraestrutura com ausência de áreas de lazer como as praças. Enfim, pensar a paisagem de Caratinga, principalmente do ponto de vista cultural e por futuros professores de Geografia vai além de pensar a área central do município. Assim, pensa-se ser importante a estes estudantes vivenciar a realidade dos espaços periféricos do município a fim de que possam ampliar suas experiências com o espaço que os cercam e construam novas percepções da paisagem municipal, passando a perceber a mesma a partir de outros elementos (naturais, humanos) que a constituem em seu todo.

Referências

AMORIM FILHO, O.B. *Os Estudos da Percepção como a Última Fronteira da Gestão Ambiental*. Anais do II Simpósio Situação Ambiental e Qualidade de Vida na Região Metropolitana de Belo Horizonte e Minas Gerais. Belo Horizonte, ABGE, 1992, p. 16-20.

_____. *A evolução do pensamento geográfico e a fenomenologia*. Sociedade & Natureza, Uberlândia, ano 11, n. 21 e 22, Jan./Dez., 1999, p. 67-87. Disponível em (<http://www.seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/28472>). Data de acesso: 13 de maio de 2017.

ARCHELA, R. S.; GRATÃO, L. H. B.; TROSTDORF, M. A. S. *O lugar dos mapas mentais na representação do lugar*. Geografia, Londrina, v. 13, n.1, Jan./Jun., 2004, p. 127-141. Disponível em (<http://www.geo.uel.br/revista>). Data de acesso: 13 de maio de 2017.

- BERTRAND, G. *Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico*. R. RA' E GA. Curitiba: Editora UFPR. n. 8, 2004, p. 141-152.
- BOBEK, H.; SCHMITHÜSEN, J. *A paisagem e o sistema lógico da Geografia*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92- 123.
- CALDEIRA, A. B. *Cultura e Turismo*. In: ARANHA, R. C. e GUERRA, A. J. T. *Geografia Aplicada ao Turismo*. São Paulo: Oficina de Textos, 2014.
- CHRISTOFOLETTI, A. *Caracterização do sistema ambiental*. In: CHRISTOFOLETTI, A. *Modelagem de sistemas ambientais*. São Paulo: Edgard Blücher, 1999.
- CLAVAL, P. "A volta do cultural" na Geografia. Mercator, Revista de Geografia da UFC, ano 01, n. 01, 2002, p. 19-28.
- _____. *A evolução recente da geografia cultural de língua francesa*. Geosul. Florianópolis. vol.18, n.35, jan./jun. 2003, p. 7-25.
- COSGROVE, D. *A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas*. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 92- 123.
- FERREIRA, V. de O. *A abordagem da paisagem no âmbito dos estudos ambientais*. GeoTextos. Universidade Federal da Bahia. vol. 6, n. 2, dez. 2010, p. 187-208.
- FILHO, F. S. M.; OLIVEIRA, I. J. de. *A utilização de mapas mentais na percepção da paisagem cultural da cidade de Goiás/GO*. CULTUR, Santa Catarina, ano 7, n. 03, out. 2013, p. 31-45.
- IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico de 2010*. Rio de Janeiro, 2010.
- KASHIWAGI, H. M.; KOZEL, S. *O processo de percepção dos espaços marginalizados no urbano: o caso da favela do Parolin em Curitiba – PR*. R. RA' E GA, Curitiba: Editora UFPR. n. 9, 2005, p. 69-82.
- KOZEL, S.; GALVÃO, W. *Representação e ensino de Geografia: contribuições teórico-metodológicas*. Ateliê Geográfico. Goiânia-GO. v. 2, n. 3, dez/2008, p.33-48.
- LENCIONI, S. *Geografia e Região*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.
- LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. *Lugar e mapa mental: uma análise possível*. Geografia. Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências. v. 18, n. 1, jan./jun. 2009, p. 207-231.
- MELO, V. L. M. de O. *A paisagem sob a perspectiva das novas abordagens geográficas*. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005, p. 9146-9165.
- PEREIRA, M. B.; KOZEL, S. *Olhares e representações infantis sobre a natureza*. Anais do 1º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações. Curitiba, UFPR, 2006, p. 1-12. Disponível em: (<http://www.neer.com.br/anais/NEER-1/comunicacoes/michele-batista-pereira.pdf>). Data de acesso: 03 de abril de 2017.
- ROCHA, J. C. *Diálogo entre as categorias da Geografia: espaço, território e paisagem*. Caminhos de Geografia. Uberlândia. vol. 9, n. 27, set. 2008, p. 128-142.
- SAUER, C. O. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, p. 12- 74.
- SCHAEFER, C. E. et al. *Elementos da paisagem e a gestão da qualidade ambiental*. Informe Agropecuário. Belo Horizonte. vol. 21, n. 202, jan./fev. 2000, p. 20-44.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia - um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.
- VITTE, A. C. *O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na geografia física*. Mercator. Revista de Geografia da UFC, ano 06, n. 11, 2007, p.71-78.

(Recebido em 26-10-2017; Aceito em: 04-06-2018)